



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

FREUD E AS RESSONÂNCIAS DO MONISMO SEXUAL

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE,
Brasil. Cavalcanti, Rosália Andrade ¹

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE,
Brasil. Francisco, Ana Lúcia ²

rosaliaandrade00@gmail.com

1. O Calor vital e a Metafísica Aristotélica

O modelo do sexo único foi criado no Século II d.C. por Galeno, médico grego, nascido por volta do ano 129. Segundo este modelo, haveria um único sexo, o masculino, e a mulher seria a versão defeituosa do homem. Afirmava que a falta de um determinado calor vital teria sido responsável pela permanência dos órgãos, que nos homens seriam externos, na parte interna das mulheres. As mulheres não possuíam o que se conhece atualmente como vagina e ovários, mas, sim, pênis e testículos internos. “Nesse mundo, a vagina é vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos” (LAQUEUR, 2001, p.16). Na verdade, os órgãos femininos, não existiam por si mesmos, mas apenas em função dos masculinos.

.....os olhos da toupeira têm a mesma estrutura dos olhos dos outros animais, só que a toupeira não enxerga. Seus olhos não abrem, “não se projetam, mas continuam ali imperfeitos.” A genitália da mulher também “não abre” e

¹ Psicanalista; Doutoranda em Psicologia Clínica

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

permanece em uma versão imperfeita do que seria se fosse projetada para fora. Os olhos da toupeira “permanecem como os dos outros animais quando ainda estão no útero,” portanto, seguindo a lógica para uma conclusão, o ventre, a vagina, os ovários e as partes pudendas externas permanecem para sempre como se ainda estivessem dentro do ventre. Espalham-se vertiginosamente dentro de si próprios, a vagina um pênis eternamente precário e por nascer, o ventre um escroto mirrado, e assim por diante (LAQUEUR, 2001, p.43).

Embora, nunca ninguém na história da Grécia, houvesse relatado ter sentido tal calor, este modelo prevaleceu até o Século XVIII, momento histórico no qual, sobretudo através da influência da revolução Francesa e do Pensamento Iluminista, foi possível o surgimento do Modelo dos Dois Sexos.

Certamente, se falava do útero, mas com certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que se tinha conhecimento da sua característica de órgão único, específico para a reprodução, destacava-se o seu aspecto funcional. Logo, o útero, pelo seu potencial de gerar o feto, foi comparado ao estômago, pela sua particularidade de digerir os alimentos.

Segundo Laqueur (2001), na época de Galeno existiam dois gêneros que corresponderiam a um único sexo e as delimitações entre masculino e feminino seriam dadas a partir do grau e não da essência. “Os órgãos reprodutivos são apenas um sinal entre muitos do lugar do corpo em uma ordem cósmica e cultural que transcende a biologia” (LAQUEUR, 2001, p.41). O homem estaria no topo da cadeia hierárquica, pois seria possuidor de um maior calor vital. A mulher, por possuir menos calor, seria inferior e estaria na base da cadeia. Desse modo, uma mulher poderia tornar-se um homem, mas o inverso nunca aconteceria. Os papéis atribuídos aos homens e mulheres eram considerados fenômenos importantes, enquanto o sexo era tido como um aspecto secundário, ou seja, um epifenômeno.

Foi no mundo do sexo único que se falou mais diretamente sobre a biologia de dois sexos, que era mais arraigada no conceito do gênero, na cultura. Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou o outro de dois sexos



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura
incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda
uma categoria sociológica e não ontológica (LAQUEUR, 2001, p.19).

1.1 A Influência de Aristóteles no pensamento de Galeno

Aristóteles, que antecedeu Galeno em cinco séculos, não fora o responsável pela versão final do modelo do sexo único, porém foi ele quem certamente fundou seus alicerces fundamentais. As reflexões aristotélicas acerca da geração e da reprodução aliadas à teoria grega dos quatro elementos e dos humores possibilitaram ao modelo galênico sua longa duração histórica. Enquanto filósofo, admitia a existência de dois sexos: o masculino e o feminino. A especificidade, porém, de suas ideias é que faz Laqueur (2001) atribuir a ele um modelo ainda mais austero do que o criado por Galeno. Isso se daria pelo fato de que, para Aristóteles, a diferença entre homens e mulheres se constituía através da metafísica. Dessa forma, sua especificidade se dava pelos argumentos que utilizava para explicar as diferenças entre os sexos. Assim alegava, por exemplo, que a diferença não seria dada pela matéria, pois existiria uma causa imaterial capaz de diferenciar homens e mulheres. Dessa forma, não seria o organismo que marcaria a distinção, pouco importando as disparidades entre o corpo da mulher e o corpo do homem. As diferenças tampouco estariam fundamentadas nas “construções sociais com carga ideológica de gênero,” mas baseadas nas “verdades naturais.” Melhor dizendo, o filósofo percebia todas as distinções, mas acreditava que elas eram da ordem da natureza.

Entretanto, para entendermos os argumentos que fundamentam para Aristóteles a diferença sexual, faz-se necessário compreender a ideia de natural. É importante ressaltar que, para ele, o natural não se alinhava à concepção moderna do termo, ou seja, não se relacionava com a natureza e com o biológico. Na realidade, pouco lhe interessava o que a natureza mostrava como diferença entre os sexos, isto é, homem com pênis e mulher com vagina. Em suma, o que caracterizaria a ordem da natureza seria algo divino e imaterial. Costa nos alerta que:



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Isto não significava que homens e mulheres fossem confundidos. O fato da fêmea ser vista como “uma réplica do macho, com os mesmos órgãos dentro e não fora do corpo,” não fazia da mulher um outro homem (p.5). [...] O que o pensamento metafísico afirmava era que mulheres e homens distinguiam-se por outros critérios que não o sexual. Do ponto de vista sexual, segundo Galeno, a mulher nada mais era do que uma variação da forma do macho, apta a reproduzir (p.104).

Sendo assim, para Aristóteles: “... tanto a divisão de trabalho quanto a atribuição específica de papéis são naturais” (LAQUEUR, 2001, p.45). Fica evidente que embora Aristóteles parecesse compreender a existência de dois sexos, o seu modelo seria ainda mais radical do que o de Galeno, uma vez que funda uma base ontológica para a diferença entre os sujeitos. Dessa forma, o sexo existiria apenas com a finalidade de gerar e essa seria uma diferença na primeira categoria do ser. Nesse sentido, o homem seria o que Aristóteles denominou de Causa Eficiente, e a mulher seria a Causa Material,³ ou seja, o homem daria o esperma que já conteria em sua substância, o que seria necessário para a formação de uma criança. A mulher seria a causa material na medida em que, através da geração, daria a forma ao bebê. Nas palavras de Laqueur:

A diferença na natureza da causa constitui plenamente o que Aristóteles quis dizer com a oposição sexual: “animal macho significa aquele que gera em outro; animal fêmea, o que gera nele próprio;” ou o que vem a dar no mesmo, pois para Aristóteles a biologia reprodutiva era essencialmente um modelo de filiação, “a fêmea opõe-se ao macho, e a mãe ao pai” (2001, p.45).

Dessa maneira, a partir da sua teoria das quatro causas – material, formal, eficiente e final –, Aristóteles distribuía o papel da geração entre homens e mulheres. Essas causas, porém, eram compreendidas de maneira hierárquica, de modo que a causa formal seria superior e a causa material seria inferior, ou seja, ao homem seria destinado um lugar de superioridade no que se refere à geração. Ao compreender que o macho seria o princípio gerador e motor e a fêmea seria aquela que espera por ser engendrada, podemos perceber que macho estaria relacionado com atividade e fêmea com

³ Para Aristóteles, a causa definiria a verdadeira ciência. Para ele, seriam quatro causas: material, formal, eficiente e final. Se tomarmos uma estátua como exemplo, podemos entender que sua causa material seria o material de que ela é feita (bronze, mármore); a causa formal seria a forma que ela representa; a causa eficiente seria o escultor; e a causa final seria o objetivo que o escultor visa.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

passividade (BIRMAN, 2001). Assim, Laqueur nos chama atenção de que Aristóteles parece defender a oposição genital entre os dois sexos na medida em que admitiria diferença entre eles. Todavia, o filósofo remeteria ao modelo do sexo único, pois imaginava que a diferença era instituída apenas pela função, ou seja, pela paternidade (ato de gerar) e não pela anatomia.

Na carne, portanto, os sexos eram visões mais ou menos perfeitas um do outro. Somente na medida em que o sexo era nulo para a natureza de causalidade é que os tipos de sexo eram claros, distintos e diferentes (LAQUEUR, 2001, p.45).

Já aqui, podemos perceber o paradoxo concernente ao modelo do sexo único, pois apesar de reconhecer apenas um único corpo, utiliza-se de funções que são específicas para o corpo masculino e para o corpo feminino, quando pretende explicar o processo de geração. Assim, apesar de Aristóteles fazer uso da natureza para explicar suas teorias, em certos momentos entra em contradição. Quando associava pênis a macho, defendia a ideia segundo a qual quanto maior o pênis, maior a dificuldade de reprodução. Dessa maneira, acaba se distanciando de uma compreensão natural dos fenômenos, visto que pela lógica um pênis maior poderia ser sinônimo de masculinidade e conseqüentemente maior capacidade de exercer sua função de reprodução.⁴

Ao estabelecer comparações entre o aparelho digestivo e o aparelho reprodutor, Aristóteles se distanciava da compreensão da diferença entre os sexos e se aproximava do modelo do sexo único, pois argumentava que a funcionalidade de ambos os aparelhos está presente nos dois sexos. Sendo assim, ligava o aparelho reprodutor ao aparelho alimentar, pois tanto homens quanto mulheres são possuidores dos dois. Dessa maneira, mais uma vez faz comparações baseadas na história natural para justificar sua analogia entre homens e mulheres, nos remetendo às noções do modelo do sexo único.

⁴ Na Grécia Antiga, o pênis grande era de maneira geral desvalorizado e os atletas muitas vezes chegavam a prender seus membros para esconder seu tamanho. Laqueur sugere que, nestas ocasiões, os membros masculinos ficavam muito parecidos com as genitálias femininas.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A história natural, em suma, trabalha para diminuir a pureza original dos testículos e ovários, pênis e vagina, como indicadores da oposição sexual – causa eficiente *versus* causa material – e os situa firmemente em uma organização maior de **uma só carne** (LAQUEUR, 2001, p.48, grifos nossos).

É importante mencionar que Aristóteles ao ser questionado sobre as diferenças anatômicas entre os sexos respondia sempre com metáforas que remetiam ao modelo do sexo único. Seus argumentos, porém, eram nebulosos, fato que deixava seus interlocutores deveras confusos. Laqueur (2001) compara as metáforas utilizadas por Aristóteles com a metáfora dos olhos da toupeira empregada por Galeno: “Todos os órgãos masculinos, dizia ele, são semelhantes aos femininos, só que a mulher tem um ventre, que ao que parece o homem não tem” (LAQUEUR, 2001, p.48). Entretanto, confronta prontamente o ventre ao escroto masculino: “sempre em dobro, como os testículos são sempre dois no homem” (ARISTÓTELES apud LAQUEUR, 2001). Dessa forma, o autor afirmará que:

... O compromisso básico de Aristóteles não era com a anatomia em si, e certamente não com a anatomia como fundamento dos sexos opostos, mas com verdades maiores que podiam ser impressionantemente ilustradas por certas características do corpo (LAQUEUR, 2001, p.49).

Mas o que seriam essas verdades maiores? Aristóteles não se preocupou com a anatomia, em fazer descrições precisas sobre os corpos. Na verdade, fazia o movimento inverso, ou seja, sua preocupação era utilizar os corpos para ilustrar suas verdades construídas a partir de explicações metafísicas.

Laqueur (2001) apresenta mais um problema das concepções dos gregos em relação às diferentes anatomias entre homens e mulheres. Assim, salienta que um estudo mais aprofundado da língua grega sinaliza que os gregos também não se preocuparam em nomear de forma diferente o corpo do homem e o corpo da mulher. Na verdade, os anatomistas desta época repetiram os termos utilizados por Galeno sem o mínimo de questionamento. Se já era evidente que a mulher seria um homem defeituoso, por que criar um vocabulário específico para sua genitália? Aristóteles dizia que a mulher está



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

para o homem como o triângulo de madeira está para o triângulo de bronze. Assim, podemos pensar nas palavras de Laqueur (2001), quando se refere aos gregos: “A anatomia no contexto da diferença sexual era uma estratégia representativa que iluminava uma realidade extracorpórea mais estável. Existiam **muitos gêneros**, mas apenas **um sexo adaptável**” (p.50, grifos nossos). Neste sentido, fica evidente que para os gregos a Anatomia não era uma ciência que servia de base para a construção dos pressupostos teóricos. Existia uma verdade que estava para além da própria matéria que determinaria quais as funções seriam possíveis para os homens e as mulheres. O sexo, porém, seria único: o masculino.

2. A Influência do Modelo de Galeno na Construção do Pensamento Freudiano

Já no seu texto denominado Três ensaios para uma teoria da sexualidade, Freud(1905) já nos fala da ideia de haver uma libido única que, neste momento de sua obra, seria de essência masculina. “...a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (FREUD, 1905, p.207). Nesse sentido, já se pode perceber nas entrelinhas do pensamento de Freud a ideia de um único sexo, o masculino.

A teoria freudiana da sexualidade fundou-se inicialmente no pressuposto de que primordialmente estaria sempre a masculinidade tanto para o menino quanto para a menina. A feminilidade seria então adquirida depois pela mulher, com a perda dessa **masculinidade originária**. Nesses termos, não se nasceria jamais mulher, mas essa condição seria sempre uma construção segunda, advinda de uma transformação da masculinidade primordial (BIRMAN, 2001, p.213, grifo do autor).

A partir de então, a presença do monismo sexual se tornará, cada vez mais evidente, perpassando toda a construção teórica da Psicanálise no que se refere à diferença sexual e, obviamente, às elaborações sobre a sexualidade feminina. Lembremos que nos textos anteriores a 1920, Freud acreditava em um monismo sexual, pois até então imaginava que as crianças não percebiam a diferença entre os sexos, uma vez que acreditavam que o clitóris iria crescer. No texto intitulado *A organização genital infantil* de 1923, apresenta um novo imaginário infantil no qual as crianças



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

percebiam que o pênis não estava lá. A ênfase recai na constatação de que as meninas não possuem o pênis. Logo, seriam castradas. Dessa forma, a **simetria** entre pênis e clitóris seria substituída pela **dissimetria** entre ter o pênis (masculino) e ser castrada (feminino).

Ao mesmo tempo a característica principal dessa “organização genital infantil” é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo* (FREUD, 1923, p.158).

Sendo assim, pode-se concluir que Freud reinterpreta o monismo sexual, pois não se trata mais da dominância do pênis, mas sim da primazia do falo. Todavia, o autor reitera que essas conclusões somente seriam possíveis em relação aos meninos. No início de seu desenvolvimento sexual, as crianças de sexo masculino imaginam que todos os sujeitos seriam possuidores de um pênis. Nesse momento, chegam a imaginar que até os seres inanimados poderiam possuir um órgão igual ao seu. No decorrer do seu desenvolvimento, porém, dando continuidade às suas pesquisas em relação ao seu membro sexual, descobrem que existe algo de diferente nas meninas. Imaginariam, inicialmente, que o pênis iria crescer, numa tentativa de negar sua descoberta. Após algum tempo, conseguiriam aceitar a ideia de que o pênis de fato não está lá, porém imaginando que algum dia esteve. Neste sentido, começa a surgir no menino o chamado Complexo de Castração, ou seja, a ideia propriamente dita de que as meninas foram castradas por punição. Assim, neste momento, não associariam ainda a castração às mulheres e, portanto, sua mãe não seria percebida como castrada. Somente ao ligar o nascimento dos bebês às mulheres é que a castração será associada ao universo feminino.

Considerações Finais

O principal objetivo deste trabalho foi estabelecer uma reflexão acerca dos possíveis resquícios deixados pelo Monismo Sexual no pensamento freudiano. Tratou-



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

se de um estudo teórico que pretendeu analisar em que medida o pensamento de Galeno foi capaz de influenciar a construção da teoria de Freud sobre o Complexo de Édipo.

No decorrer da pesquisa, pôde-se perceber que o Modelo do Sexo Único influenciou sobremaneira o pensamento de Freud acerca dos gêneros e, sobretudo, acerca das mulheres. Suas ideias sobre um órgão sexual único (o pênis) e sobre uma libido única de essência masculina foram responsáveis pela forma polêmica como o pai da psicanálise percebeu o feminino e repassou sua imagem ao ocidente. É fato que o Modelo da Diferença Sexual também influenciou o pensamento de Freud, uma vez que, no decorrer dos seus textos também afirmava perceber a diferença entre o masculino e o feminino. Porém, mesmo sendo herdeiro do pensamento iluminista, o modelo masculino sempre foi tomado como universal para a criação do modelo fálico-edípico.

Referências

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, Jurandir. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923), v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) v.5. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAQUER, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2001.